

O OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO DO SUL ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA DE CÉUS

EDUARDA BORGES FRANCO¹; EDUARDA AZEVEDO GONÇALVES³

¹Universidade Federal de Pelotas – eduardaborgesfranco@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – dudaeduarda.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se trata de uma investigação da pesquisa em poéticas visuais, envolvendo observação da temporalidade dos céus nos territórios que percorro e que vivencio, em Arroio Grande e Pelotas, no Rio Grande do Sul, sendo constituído por fotografias e desenvolvido durante o Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel. As Fotografias foram sendo registradas, porque me movia de forma a ver algo infinito, mutável e efêmero. A produção desenvolvida é resultado de orientação da Profa. Dra. Eduarda Gonçalves, vinculada ao Projeto de Pesquisa Territórios, deslocamentos, cartografistas e cartografias na arte contemporânea a partir do sul do Brasil, junto ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas - DESLOCC (CNPq/UFPel).

A problemática a qual me deparei seria resumida na pergunta: como a junção simbiótica por meio da fotografia dos céus, pode dar a ver a re(a)presentação de dois lugares ao mesmo tempo? Como dar a visibilidade ao corpo presente na conjunção da experiência celeste, por meio da arte? Para isso, o trabalho é processado por meio de pontos de vista de céus, atenção da observação, das similitudes das nuvens, nas cores e vegetação, contendo diferenças, mutabilidades e instabilidades.

Os objetivos desta pesquisa se dão em reconhecer a territorialidade, baseada nessas cidades de afeto, que se mesclam com os céus formando a simbiose, a destacar os contextos em que são percebidos, revelando temporalidades e características dos territórios sulinos.

Refletindo sobre o conceito de nuvens, céus, vivências e cidades, trago referências da artista brasileira Letícia Lampert, que desenvolve sua produção autoral através da fotografia, e aqui destaco a obra intitulada “Escala de cor do tempo”, em que adentra no processo de repetição (fig. 1). Letícia, que também fotografa pela janela e é uma das referências do meu trabalho, diz que “Na Escala de Cor do Tempo acrescentamos horas, dias, meses. Estas fotografias foram obtidas entre as 6 da manhã e as 7 da noite, a cada mês, sempre na mesma janela.” (Letícia Lampert, 2009).

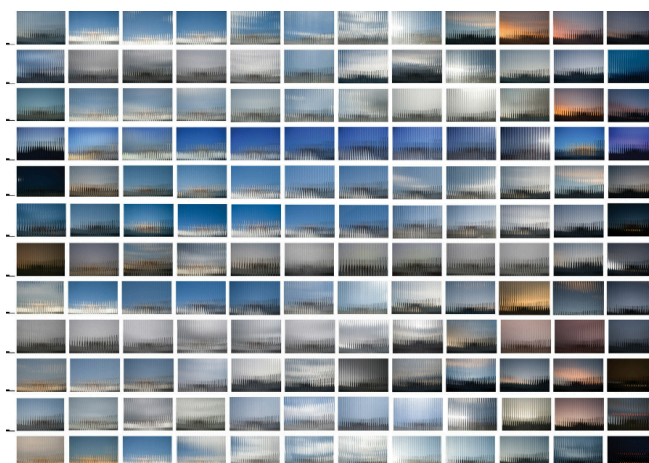


Figura 1 — Leticia Lampert. Escala de cor do tempo. 2009. Livro-objeto. 20 x 15 cm.

2. METODOLOGIA

Para a processualização do trabalho, diferente do trabalho de Letícia, não busco me atentar nos horários, mas sim na mudança das tonalidades, e em como quase que se reinventa um novo local a partir da mesma janela. Me ponho a pensar sobre o imaginário das cidades sobre as pessoas, e sendo assim, criei uma série de trabalhos fotografados na mesma janela durante 9 meses, totalizando 75 fotografias digitais, apontando a câmera digital para o céu, com o intuito de ser sempre o mesmo local, mas em diferentes dias e horários, modificando toda a paisagem e o olhar sobre ela a cada novo segundo diante do que avistava pelo enquadramento do batente. (fig. 2):

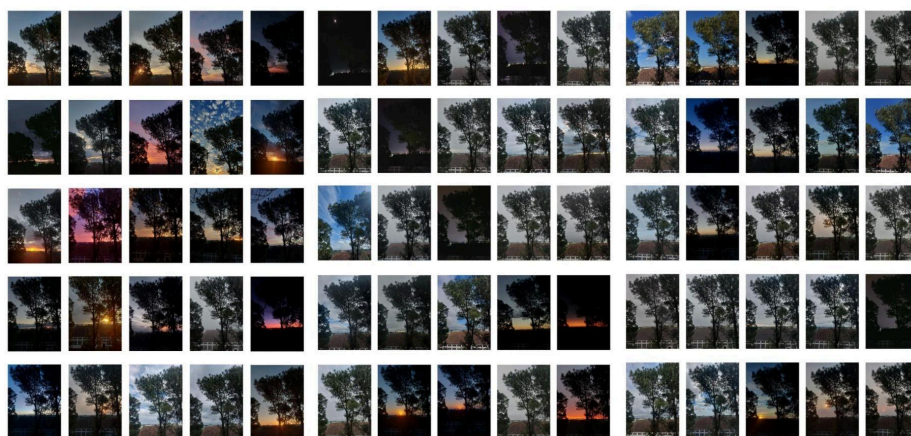


Figura 2 — Eduarda Franco. Série: Todo dia a mesma janela I- Pelotas. 2024. Fotografias digitais. 5 x 7 cm.

As fotografias a seguir da mesma série, foram capturadas durante os dias em que conseguia estar em minha outra cidade, Arroio Grande, Rio Grande do Sul, sem dias exatos, mas durante três meses, com horários onde normalmente abria e fechava a janela, sendo início e final de dia, assim como é possível

observar em algumas fotografias o sol forte e as nuvens expostas aparentes na paisagem (fig. 3):

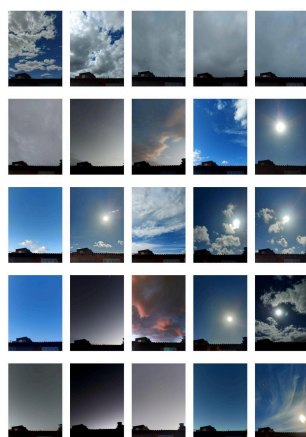


Figura 3 — Eduarda Franco. Série: Todo dia a mesma janela II- Arroio Grande. 2025. Fotografias digitais. 5 x 7 cm.

Já nas fotografias posteriores, em uma primeira experiência de processo dentro das montagens nas fotografias, fui experimentando várias possibilidades e vendo como cada imagem cabia melhor, por questões de ângulo, tons de céus e objetos acrescentados na paisagem. O que foi possível observar com maior afincamento acerca das montagens foi que, do lado esquerdo, Arroio Grande, a maioria das fotos são do início do dia e do lado em que o sol nasce, já as do lado direito, Pelotas, em sua maioria são do final do dia e do lado onde o sol se põe (fig. 4):

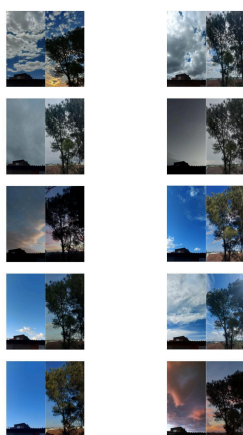


Figura 4 — Eduarda Franco. Série: Todo dia a mesma janela III- Arroio Grande/ Pelotas. 2025. Fotografias digitais. 7 x 7,5 cm.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados se baseiam na busca por trazer a questão da diferença dos céus se vistos ao longe, vastos e infinitos, e dos mesmos pelas fotografias em miniaturas, de forma que o trabalho se apresenta como paisagem de afeto, que

cabe na palma da mão, quase um céu como objeto pessoal, trazendo o sentido dos pequenos céus, formando a experiência celeste. Ao fotografar e juntar as imagens da paisagem celeste das duas cidades acredito criar uma invenção, misturando duas cidades em uma. Sendo assim, trago o exemplo de Anne Cauquelin, filósofa e artista visual francesa, que coloca a questão do imaginário familiar que investiga a natureza lhe tornando paisagem: “Pela janela, vejo, portanto, algo da natureza, extraído da natureza, recortado em seu domínio. A paisagem é justamente a apresentação culturalmente instituída dessa natureza que me envolve.” (CAUQUELIN, A., 2007). Logo, me remetendo às fotografias capturadas da paisagem através da janela, sendo elas a paisagem céu em questão, esse imaginário junto à natureza, da invenção, das memórias e das criações próprias.

Busquei trazer meus territórios de afeto comigo, pois são eles que acabam tornando quem eu sou, por minhas culturas, minhas falas e meu jeito de ser, entrelaçado a esses céus do sul, que me fizeram imaginar, criar e reconfigurar meu pensamento acerca deles tantas vezes, e que estão comigo na memória e nas fotografias.

4. CONCLUSÕES

Por fim, ressalto que a pesquisa está em andamento, e que outros dispositivos como a pintura me possibilitam juntar os céus e a busca pela união de territórios, dias, meses e anos, formando a simbiose de memória, trazendo ainda a questão da repetição, do cotidiano e das vivências, sempre fazendo conexões que me possibilitem a união de percepções afetivas que compõem meu imaginário.

A presença e ausência no céu me coloca a pensar e refletir, o que segundo Georges Didi-Huberman, filósofo e historiador de arte francês, diz que “todo olho traz consigo sua névoa, além das informações de que poderia num certo momento julgar-se o detentor.” (DIDI-HUBERMAN, G., 1998).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

Leticia Lampert. **Escala de cor do tempo**. Leticia Lampert, 2009. Acessado em 27 abr. 2025. Online. Disponível em: <https://www.leticialampert.com.br/home-2/art/escala-de-cor-do-tempo/> .